

Resenha de “Tudo é rio”, de Carla Madeira

Renato Lazaro Leal Gomes*

Carla Madeira Carneiro é uma escritora brasileira nascida em Belo Horizonte, em 1964. Possui formação em Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Construiu sua carreira de trabalho dedicando anos como professora de redação publicitária na UFMG e diretora de criação e sócia da agência de comunicação Lápis Raro. Desde a metade da segunda década do século XXI, também é escritora. Até o momento, possui três obras literárias: *Tudo é rio* (2014), *A natureza mordida* (2018) e *Véspera* (2021). Esta análise tem a primeira publicação de Madeira como objeto de estudo dentro do que é entendido por Literatura Brasileira Contemporânea. A base teórica da resenha é o livro *Ficção brasileira contemporânea* (2009), de Karl Erik Scollhammer.

O livro de 2014, *Tudo é rio*, tem 210 páginas e é publicado atualmente pelo Grupo Editorial Record. É o primeiro romance de Madeira, e apresenta a narrativa de três personagens, que se entrelaçam no decorrer dos trinta e cinco capítulos contidos nessa obra da Literatura Brasileira Contemporânea. O enredo ocorre em uma cidade pequena, mas não há indicação exata da localização e dos anos em que a história se passa. A ideia de não apontar com precisão o tempo e o local do romance abre espaço para que a imaginação do leitor possa conectar a narrativa ficcional com uma realidade conhecida por ele. Essa estratégia de Madeira facilita a conexão do leitor com a obra e, também, a reflexão sobre em que tempo a história se passa, isto é, se ela é um retrato já superado do Brasil ou é atual. Afinal, *Tudo é rio* se encaixa dentro da Literatura Contemporânea e a sua ideia é trazer para a literatura determinados comportamentos que geraram discussões nas últimas décadas envolvendo a linha tênue entre uma relação amorosa saudável e uma abusiva. Dessa forma, suscita reflexões acerca dessa pauta antiga que perdura até a atualidade.

Tal ficção se relaciona ao que Karl Erik Schollhammer (2009) apresenta no seu trabalho sobre esse tipo de literatura. Ele aponta a ideia de Barthes (1977) sobre o Contemporâneo Intempestivo, que pode ser captado a partir de um anacronismo ou

*Graduando em Letras/Inglês pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Esta resenha é resultada da pesquisa desenvolvida na disciplina de Inglês III – Sintaxe III, em 2020.2, sob supervisão da Prof. Dra. Simone de Campos Reis (Simone.reis@ufpe.br)

defasagem, não necessariamente com a marcação do tempo ou o momento em que a pessoa se encontra. E, ao trazer para a literatura, usa essa ideia para defender a possibilidade de o leitor se reconhecer e se comprometer com um presente, o qual não coincide com o mundo real ou a sua própria realidade.

Assim, Schollhammer (2009) chega ao registro de Hollanda (1992) a respeito da Literatura Contemporânea do Brasil. Seu interesse é em abordar as narrativas introspectivas a respeito do que a personagem vivencia e reflete, bem como em destacar os problemas sociais voltados para as desigualdades e as violências do ambiente, o que acontece em *Tudo é rio*. Essa abordagem faz-se refletir sobre a ideia de que a realidade não se basta. Precisa da ficção, como também a ficção sozinha não se basta; ela precisa da realidade. A partir dessa conceitualização, é possível observar como esses pontos aparecem na obra.

A história não apresenta linearidade de fatos nos capítulos. Nela, há constantes *flashbacks* narrativos que amarram e justificam as atitudes do presente das três narrativas entrelaçadas. Além disso, a autora usa uma linguagem intimista e com marcas da oralidade cotidiana, capaz de imergir mais o leitor na obra a cada palavra lida e interpretada. Os capítulos são curtos e a linguagem é poética e objetiva, isto é, sem que haja a impressão de haver páginas com conteúdo irrelevante. Isso corrobora a ideia de fluidez na história e beleza na escrita pela escolha de vocabulário. Dessa maneira, as características linguísticas são utilizadas como tática para trabalhar o seu estilo autoral marcado pela objetividade nos detalhes, sem tornar a leitura cansativa e desinteressante para o leitor. Desse modo, o título da obra é devido a esse fluxo na história, nas emoções dos personagens e na linguagem da autora; funciona como uma metáfora com o fluxo das correntes de água dos rios. Esse tipo de linguagem é uma característica conceituada por Schollhammer (2009), sobre a qual ele argumenta que

há um certo hiper-realismo nesse detalhismo, mas nada nesse procedimento o vincula às ilusões representativas do mero artifício descritivo. Aqui, o detalhe preenche o relato com uma certa necessidade que empurra a ação para a frente, como se fosse um crescimento natural. Na elaboração da transformação de personalidade, que ocorre no romance, a dinâmica não passa pela consciência reflexiva, nem tem nela sua força motora, tudo parece ser consequência de pequenas contingências, que finalmente ganha envergadura em grandes ações, e a transformação se performatiza plasticamente na materialidade do relato. Não há espaço para discussão existencial e muito menos para momentos de hesitação e avaliação das opções possíveis, pois tudo se metamorfoseia como que por necessidade intrínseca (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 151-152).

Dessa forma, são selecionadas as cenas para a análise de acordo com a cronologia temporal dos principais eventos que levaram as três narrativas a se cruzarem. Isto é, as situações da história que empurram a ação para frente, como afirma Schollhammer (2009).

No capítulo um, conhecemos Lucy, uma prostituta por profissão e por gosto, que sempre consegue o que quer. Enquanto crescia, sabia que queria ser puta — como ela se autorrefere —, e assim tornou-se quando chegou a hora. Lucy deixou a casa da tia — que a criou por anos após o falecimento de seus pais — quando ela expulsou a garota após flagrá-la traindo a sua confiança. Foi morar em outra cidadezinha, onde trabalhava na chamada Casa de Manu, o prostíbulo da região. Ela era a mais requisitada, escolhia a dedo quem dormia com ela, e todos os homens aguardavam ansiosamente uma oportunidade.

Desde o início, a voz da personagem, seus gostos e como ela é vista pela comunidade ao seu redor se constituem como bem destacados pela autora. Assim, Madeira desperta a imaginação do leitor sobre as consequências da relação entre as atitudes de Lucy na sociedade, e, também, da sociedade para com a personagem, visto que ela tem uma personalidade forte e se mostra uma agente ativa aonde quer que vá, como pode-se ver nesse trecho do primeiro capítulo:

‘Quer vida mais fácil do que a minha, uma puta que gosta de dar?’

Para toda a cidade isso era uma provocação sem tamanho, qualquer pessoa de bem tolera as putas, com a condição de sentir pena delas. Lucy, dona demais de si mesma, privava as mulheres do exercício da compaixão. Provocava com isso desejos profundos de inferno. (MADEIRA, 2022, p. 12).

Lucy é complexa e apaixonada pelo seu domínio sobre as pessoas. Consegue ir além de maniqueísmos, como vilã ou mocinha. O leitor tem acesso à sua história e ao seu psicológico, então, é possível destacar as suas atitudes socialmente imorais, mas também as morais. Ela é construída de forma muito humana. Há momentos em que odiá-la será uma consequência de suas atitudes, mas existem outros em que sentir compaixão ou, até mesmo, pena também farão sentido. Essa complexidade também se encaixa nos dois outros personagens que guiam a trama central. Na realidade, essa é uma característica da própria Literatura Contemporânea, mas que contém um nível de qualidade elevado nas mãos de Madeira pela verossimilhança na identidade dos três protagonistas.

No capítulo seguinte, somos apresentados à segunda narrativa: Venâncio. Sabe-se que ele se faz presente constantemente no bordel, mas, diferente de todos os homens da região, não faz questão de Lucy — as justificativas são apresentadas com o passar dos capítulos. O que se conhece inicialmente é que ele não sente interesse nela, e isso chama muito a atenção da moça, pois nenhum homem a havia recusado algo na vida, o que faz

despertar a sua vontade e determinação a querê-lo a qualquer custo em sua cama. Virou questão de honra.

No capítulo três, que precede a interação entre os três personagens, descobre-se sobre o romance de Dalva e Venâncio e o que causou a morte do filho deles, porém, apenas nos capítulos seguintes, entende-se com mais detalhes a história de amor do casal. Apresenta-se ao leitor que eles tinham um relacionamento invejado por toda a sociedade; conheceram-se jovens e viveram uma paixão bastante intensa e apoiada pelos familiares de ambos. Venâncio logo propõe a moça em casamento e, apesar de sua insegurança por ter presenciado uma cena de descontrole de ciúmes do rapaz, Dalva aceita em nome da paixão deles. É neste trecho que as coisas mudam. Ele demarca a passagem do ápice de felicidade do casal para o início da temporada de infelicidades:

Venâncio e Dalva casaram apaixonados. Perdidamente. Quem via os dois pedia a Deus uma sorte igual. O amor tem nome, mas não é nada que a gente possa reconhecer só de olhar. A dor a gente sabe o que é, tem lugar e intensidades que cabem na ciência. A raiva, o medo, o ódio entortam a cara com um jeito provável de se manifestar. Mas e o amor? O que é senão um monte de gostar? Gostar de falar, gostar de tocar, gostar de cheirar, gostar de ouvir, gostar de olhar. Gostar de se abandonar no outro. O amor não passa de um gostar de muitos verbos ao mesmo tempo. No caso de Venâncio e Dalva, o gosto de cada sentido grudava os dois para mais de muitas vidas, pareciam eternos de tão juntos. Um saboreava o outro. Viveram muito tempo assim irrigados até que Dalva engravidou (MADEIRA, 2022, p. 19)

É após a oficialização do casório que o grande amor dos dois começa a se desmanchar aos poucos. Assim que a gravidez vem, o amor de sua amada, que Venâncio queria exclusivamente para si, começa a ser compartilhado entre ele e o bebê que está dentro do ventre dela. Acompanhar isso de perto fez com que o ciúme por dividir a atenção da sua esposa com outra pessoa fosse mexendo com o seu psicológico. Ainda no capítulo três, nota-se que, no dia do parto, esse sentimento toma conta dele e tem como consequência uma tragédia incapaz de sobreviver a qualquer amor que eles tivessem. Dalva amamentava o menino quando Venâncio entrou no quarto e viu essa cena, que o deixou louco de ciúmes, a ponto de arrancar o menino do peito da mãe, jogá-lo longe e, depois, espancar a mulher que amava.

Após o ocorrido, Dalva e Venâncio não se separaram — o que chama a atenção do leitor —, mas, apesar de viverem sob o mesmo teto, pararam de se falar. Cada um dormindo em um quarto, vivendo a vida sem o outro. No decorrer do tempo, a comunidade em que moravam notou esse distanciamento entre eles, pois não demonstravam mais nenhum afeto

em público, e Venâncio estava presente na Casa de Manu quase todos os dias. O que não sabiam era como o bebê morreu. Houve arrependimento e sofrimento por parte do rapaz a respeito do falecimento, contudo as suas palavras não foram suficientes para Dalva desculpar o seu erro consequente de total descontrole emocional.

Essa é uma das passagens mais importantes para entender a complexidade de *Tudo é rio*. Está presente nela o desdobramento de dois personagens que estão na transição da adolescência para a vida adulta, ou seja, estão passando pela dificuldade de tentar entender quem são como indivíduos no mundo e, nesse caso, também como um casal. As atitudes deles têm efeitos de proporção muito grande devido à imaturidade da idade e à falta de controle pelos seus sentimentos. O efeito, em determinados momentos, é pela alegria de um pedido de casamento aceito, no entanto, em outros, pela tristeza de ser agressivo por ciúmes, por exemplo. Sobre esse desenvolvimento, Schollhammer (2009) argumenta que

a urgência é a expressão sensível da dificuldade de lidar com o mais próximo e atual, ou seja, a sensação, que atravessa alguns escritores, de ser anacrônico em relação ao presente, passando a aceitar que sua realidade mais real só poderá ser refletida na margem e nunca enxergada de frente ou capturada diretamente (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 11).

Assim, a contemporaneidade apresenta a violência como um fator que pode aparecer em qualquer ambiente, até mesmo naqueles em que as personagens da história acreditavam ser impossível. A interpretação de toda a situação envolvendo o casal leva o leitor a refletir sobre as questões associadas à cena de agressão e a sentir empatia e angústia pela situação em que os personagens se encontram.

Esse é um cenário criado com o intuito de apontar e denunciar essa realidade brasileira de Dalvas e Venâncios que estão espalhados pelo país há tanto tempo, mas que não têm as suas histórias complexas devidamente contadas. À vista disso, Madeira não só usa seu talento para criticar o tipo de relacionamento retratado, mas também reforça que essas relações existem hoje e têm mais camadas do que se é discutido a respeito. Com base nisso, a autora conduz a história para uma realidade comum de mulheres de cidades pequenas que têm como prioridade de vida a manutenção do sistema familiar e não têm certeza sobre até que ponto a agressividade do marido é um fator relevante para o término do casamento. Por isso, embora atualmente haja movimentos sociais, como o feminismo, que condenam a agressão contra a mulher sob qualquer circunstância, a realidade se apresenta de outra forma, pois a ideia de separação completa ainda não se mostrou efetiva na maior parcela das mulheres envolvidas em casos como o da obra. Isso justifica o porquê de a personagem não aceitar a atitude do marido e, mesmo assim, não se separar. A escolha de Dalva para a situação é ignorar o homem que já foi seu grande amor e o sentimento de tristeza que ele carrega consigo

O leitor faz a conexão entre a arte e a vida real a partir do contato com o ponto de vista de cada um dos protagonistas. E, apesar da história se enquadrar na ficção por ter seres e ambientações inventadas, ele sabe que o evento narrado na cena de violência, causada por descontrole emocional, ainda é uma realidade existente no Brasil do século XXI. Esses aspectos envolvendo os personagens são o que contribui para dar mais verossimilhança às suas personalidades, ou seja, o que as faz serem complexas e imprevisíveis, deixando, então, a história ainda mais próxima da realidade.

Por consequência do ocorrido, Dalva, que era uma pessoa muito contente, calou-se de vez e viveu seu luto em silêncio. No outro ponto, apesar da insistência, Lucy não consegue o que quer. Descobre nos capítulos seguintes que Venâncio é casado com Dalva, uma mulher que teve um relacionamento dos sonhos com seu marido, mas, após a morte de seu bebê, só carrega tristeza e silêncio por onde quer que vá. Logo, a prostituta alega que é algo na esposa que faz o seu desejado homem negar as suas provocações sexuais tantas vezes. Assim, Lucy começa a provocar Dalva sobre Venâncio todos os dias e o enredo dos três se cruza. É nesse momento que se começa a entender um pouco melhor o que houve no passado para levá-los a se encontrarem na situação em que estão.

Em uma dessas provocações, Lucy decide morder o dedo de Dalva até sangrar, o que causa fúria em Venâncio quando descobre que ela tentou ferir sua esposa, porque, mesmo eles não estando íntimos, ele ainda a ama. Isso leva o homem a ir tirar satisfações com a prostituta. Ele fica enciumado e fora de si. Ao presenciar a confusão, a própria Manu interviu e fez com que o homem se acalmasse e que tentasse dormir em um quarto, pois, no outro dia, resolveria as coisas com mais tranquilidade e calma. Entretanto, no dia seguinte, Lucy aparece no quarto em que ele dormira e o conquista involuntariamente quando age de forma que a faz parecer Dalva na época em que viveram o grande romance.

O envolvimento amoroso entre os dois já era esperado com apreensão pelo leitor. Todavia, a cena surpreende pelo modo como ocorre, provando, mais uma vez, a imprevisibilidade da obra. Afinal, como já dito por Schollhammer (2009), pequenas atitudes dos personagens são capazes de gerar grandes feitos na história até mesmo nos contextos mais inesperados.

No capítulo vinte e seis, de certa forma, a prostituta conseguiu o que queria e o homem também: teve um momento de amor com quem ele imaginou ser a mulher que realmente ama, como é possível notar a partir das palavras de Madeira:

Era um homem morto no corpo vivo, sem vontade de gozar, morto como os pais de Lucy, incapazes de dizer sim para ela. Sofreu. Desistiu de insistir, a vontade de chorar embolou na garganta. Encostou o corpo na parede fria sem pressa, fechou os olhos úmidos e soltou o ar como quem põe para fora um peso, pôs a mão na cabeça, arrancou os grampos e deixou que caíssem

no chão se desfazendo de tudo o que não era ela, libertou os cabelos que se desmancharam macios sobre os ombros agudos. Venâncio viu. Reconheceu. Deixou escapulir sem controle uma emoção visceral: era assim que Dalva se preparava para ele. A lucidez ficou fora de alcance. Os olhos se encheram de uma água triste. Mar. Viu no movimento de Lucy o que amava em Dalva e a possibilidade de tocar a felicidade que já tinha sido sua quando ela também era. Trepou com Lucy, fingiu que não era ela e acreditou. Fez amor. Tinha anos de saudade represada (MADEIRA, 2022, p. 144-145).

Na realidade, ambos viveram uma ilusão que durou alguns dias. Enquanto Lucy pensava que, agora que tinham feito amor, Venâncio se separaria da esposa para ficar com ela, o rapaz ficava com Lucy imaginando Dalva em sua mente. O resultado disso foi a gravidez da prostituta. Foi indesejada pelo pai da criança, mas ela teve o filho, João, mesmo assim. No capítulo trinta e um, sabe-se que, quando ele nasceu, Lucy o deixou à porta da casa do casal. Dalva não se deixou abalar por nada disso. Pegou a criança e cuidou como se fosse sua, já que não conseguiria deixar um recém-nascido largado na rua. Cuidar do bebê era mais forte do que qualquer sentimento negativo que sentisse por seu marido ou a mãe do menino. Vivia trancada no seu quarto com ele, só saía quando Venâncio não estava em casa. Tal atitude de Dalva não soa estranha ao leitor, visto que, agora, a personagem tem consciência da sua identidade, a qual é aprofundada singelamente por toda a obra. Aqui, fica mais explícito que a ideia de Madeira é trazer o desenvolvimento psicológico dos personagens como fator responsável por suas ações em vez de somente trazer o problema social dessa história para a literatura.

Nos capítulos finais, temos acesso a *flashbacks* narrativos relacionados à morte do filho de Dalva, ao que aconteceu após a mãe desmaiar e ao que Venâncio fez e sentiu depois do ocorrido. Há uma reviravolta na história envolvendo um segredo quando surgem novas informações para serem unidas a esse quebra-cabeça de sentimentos construído por Madeira. Além disso, emerge um novo olhar sobre o contato entre Dalva, Lucy e Venâncio a partir da conexão que eles têm com o bebê João. Dessa maneira, usando das palavras de Schollhammer (2009, p. 117), tanto o desfecho quanto todas as três narrativas no decorrer da obra são um “mergulho no cotidiano e nos processos íntimos que envolvem afetos básicos de dor, medo, melancolia e desejo que aparece, assim, na Literatura Contemporânea, [...] pois agora a intimidade justifica-se na exploração dos caminhos do corpo e da vida pessoal”. Baseado nisso, Madeira procura instituir uma sutil conexão de eventos, capaz de construir aprendizados ao longo da jornada dos personagens. E, especificamente nesta obra, a escritora almeja trazer o olhar de Dalva acerca do perdão. Isso só fica nítido no final da história, mas faz sentido quando o leitor se depara com a cena em que esse sentimento se destaca e, desse modo, pode perceber que a autora estava construindo uma jornada a respeito dele desde o começo.

Tudo é rio é muito bem escrito. O título é compreendido pela relação entre um turbilhão de sentimentos e as correntes das águas do rio. Ou seja: quando são muito intensos, assim como os rios que seguem o curso da vida em direção ao mar, eventualmente esses sentimentos também seguem o mesmo caminho para desaguar no curso da vida dos personagens.

O livro contém uma mistura bem trabalhada de erotismo, amor, violência, sensibilidade, tristeza, paciência, perdão e lições de vida. Madeira desenvolve nos leitores uma mistura de sentimentos que variam entre angústia, tensão, compaixão e aperto no coração para com os personagens, da primeira à última página. Ela consegue surpreender a todo instante, criando, assim, uma obra de Literatura Brasileira Contemporânea muito bem elaborada, cujo um dos pontos fortes na sua estrutura é a presença de quebra na linearidade da apresentação dos fatos para instigar a curiosidade na leitura. As idas e vindas das histórias dos personagens é que fazem o leitor sentir a intensidade dos sentimentos que estão presentes dentro deles e entre eles. Outro ponto positivo é o contato entre o leitor e as três vozes distintas — Lucy, Venâncio e Dalva —, o que facilita a compreensão de suas personalidades, bem como de seus erros e acertos. São personagens bem construídos e memoráveis por evoluírem do início ao fim no livro.

Em suma, a experiência de leitura de *Tudo é rio* é marcante para os leitores que buscam ler um romance adulto, intenso e cheio de reviravoltas. Madeira escreveu uma história repleta de lições sobre temas sociais e situações delicadas, sendo “perdão” o tema que mais se destaca ao longo da obra. O ato de perdoar é naturalmente muito difícil de se fazer por ser muitas vezes passível de questionamento. A cena de perdão que aparece no final da história é surpreendente, mas não está lá para significar que o leitor precise concordar com o ato; ele incomoda e requer reflexão para entender quais motivos a levaram a esse caminho. Isso corrobora a provocação de pensamentos após a leitura, especialmente devido à boa elaboração da história e da construção dos personagens, como já apontado.

Referências

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1977.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MADEIRA, Carla. *Tudo é rio*. Rio de Janeiro: Record, 2022.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.